

O PERÍODO CRÍTICO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E AS INFLUÊNCIAS NA AQUISIÇÃO DE L2: QUESTÕES TEÓRICAS

PIETTA, Ana Claudia [1]

CASAGRANDE, Sabrina [2]

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo verificar quais os principais motivos que levam um adulto a ter mais dificuldade de aprender uma segunda língua do que uma criança, buscando compreender os fatores que estão envolvidos neste processo. Um em especial a que daremos enfoque aqui é o chamado Período Crítico, que é o período sensível ao processo de aquisição de uma língua materna. Evidências para este Período na aquisição de primeira língua³ são bastante discutidas na literatura sobre aquisição da linguagem (cf. GROLLA e FIGUEIREDO SILVA, 2014; ROSA, 2010; QUADROS, 2008), especialmente em casos de aquisição tardia de línguas de sinais. No entanto, o Período Crítico também é associado, por alguns autores, ao maior ou menor sucesso na aquisição de uma segunda língua, ainda que não haja consenso absoluto sobre a sua influência, neste caso. Autores como Birdsong (2006) *apud* Bona (2013); White (1989) *apud* Mattos (2000) vão argumentar para um papel mais significativo do período crítico na aquisição de L2, enquanto outros, como Flynn (1989) *apud* Mattos (2000); Flege (1987) *apud* Bona (2013) vão amenizar este papel, mostrando que sua influência se dá em alguns aspectos do desenvolvimento gramatical da segunda língua, como a fonologia e a sintaxe, mas não em todos.

PALAVRAS-CHAVE: Período Crítico; Aquisição de Primeira Língua; Aquisição de Segunda Língua.

RESUMEN: El presente trabajo tiene como objetivo verificar cuáles son los principales motivos que llevan un adulto a tener más dificultad de aprender una segunda lengua comparándose con un niño, buscando comprender los factores que están envueltos en este proceso. Uno en especial que daremos enfoque será el llamado Período Crítico, que es el período sensible a los procesos de adquisición de una lengua materna. Las evidencias para ese período en la adquisición de primera lengua son muy discutidas en la literatura (cf. GROLLA e FIGUEIREDO SILVA, 2014; ROSA, 2010; QUADROS, 2008), especialmente en casos de adquisición tardía de lengua de señas. Sin embargo, el Período Crítico también es asociado, por algunos autores, al mayor o menor éxito en la adquisición de una segunda lengua, aunque no haya consenso absoluto sobre su influencia, en este caso. Autores como Birdsong (2006) *apud* Bona (2013); White (1989) *apud* Mattos (2000), van a argumentar para el papel más significativo del período crítico en la adquisición de L2, mientras otros, como Flynn (1989) *apud* Mattos (2000); Flege (1987) *apud* Bona (2013), van a amenizar este papel, exponiendo que su influencia ocurre solo en algunos aspectos del desenvolvimiento gramatical de adquisición de segunda lengua, como la fonología y la sintaxis, pero no en todos.

¹ Acadêmica da 9ª fase do curso de Graduação em Letras: Português e Espanhol - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, campus Realeza/PR.

² Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, campus Realeza/PR. Orientadora da acadêmica Ana Cláudia Pietta, no artigo elaborado para o Trabalho de Conclusão de Curso II.

³ Primeira Língua (L1) ou Língua Materna, é aquela a qual a criança é exposta desde de seu nascimento e a mesma, é adquirida durante o processo de aquisição de linguagem. Não podemos considerar (L1), como apenas uma língua, pois se a criança é exposta a duas línguas, português e espanhol por exemplo, em processo de aquisição, podemos considerar ambas como sendo sua (L1), que são os casos de bilinguismo por exemplo.

PALABRAS-CLAVE: Período Crítico; Adquisición de Primera Lengua; Adquisición de Segunda Lengua.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho iremos levantar questões teóricas que tentem explicar, o porquê, que adultos quando comparados com crianças em processo de aquisição de L2 sentem mais dificuldades de adquiri-la. Para isso, teremos como base questões relativas para o desenvolvimento deste estudo que são à Hipótese do Período Crítico (daqui em diante HPC) e à existência e acesso dos aprendizes de uma L2 à Gramática Universal (daqui em diante GU), ambos analisados a partir da perspectiva teórica gerativa, a qual consegue dar conta de explicar alguns processos que são ainda que, um tanto quanto intrigantes no que se refere ao processo de aquisição de linguagem.

Iniciaremos o trabalho fazendo uma breve exposição sobre o surgimento da Teoria Gerativa proposta pelo linguista Noam Chomsky que comenta de maneira mais branda como se dá o processo de aquisição de língua materna; quais são os estágios de aquisição e o período ao qual, a criança é exposta que pode “auxiliar” em um melhor desempenho ou não em seu processo de aquisição.

Assim, como no processo de aquisição de língua materna, a perspectiva gerativa lança mão da HPC e da GU para explicar o desenvolvimento desse processo, no que se refere à aquisição de uma segunda língua, vários são os pesquisadores que também utilizam-se dessas mesmas evidências e hipóteses para explicar o sucesso ou o fracasso na aquisição de uma segunda língua.

Muitos pesquisadores da área ainda consideram o processo de aquisição de L2 um pouco “misterioso” e que carecem de um pouco mais de atenção, já que os resultados que se podem ser obtidos dentro desse processo podem ser muito amplos, segundo Bona (2013). Sabemos que outros aspectos, como questões relacionadas ao contexto de interação, são levados em conta nos estudos de aquisição de L2. Porém, como nosso objetivo é olhar para a Hipótese do Período Crítico dentro do processo de aquisição de L2, nos restringiremos a mostrar desta forma, quais são os argumentos que sustentam essa hipótese para verificar assim, quais os principais motivos que levam um adulto a ter mais dificuldades de aprender uma segunda língua do que uma criança.

O artigo está estruturado em 4 seções, sendo que esta primeira é a introdução, a segunda parte se refere a seção 2, a qual, está subdividida em 4 subseções, em que discutiremos inicialmente o processo de aquisição da língua materna voltada para a perspectiva gerativa, após no subitem 2.1 abordaremos a questão do período crítico no processo de aquisição de L1. Sequencialmente no item 2.2 será apresentado a questão do período crítico no processo de aquisição de L2 - sendo esse o foco de nosso trabalho, na subseção 2.3 trazemos relatos das literaturas que evidenciam as influências que o período crítico exerce nas diferentes áreas da gramática, e finalizando a seção 2 trazemos um último subitem (2.4) que tratará sobre o acesso à gramática universal no processo de aquisição de L2. Ao final, na seção 3 deste artigo encontram-se as considerações obtidas na pesquisa desse trabalho, prosseguido das referências bibliográficas consultadas.

2. AQUISIÇÃO DA LÍNGUA MATERNA NA PERSPECTIVA GERATIVA

A Teoria da Gramática Gerativa - corrente de estudos da ciência da linguagem - inicia-se no final da década de 1950 com os trabalhos do linguista norte-americano Noam Chomsky, ganhando força em 1957 com a publicação do livro *Estruturas Sintáticas*. Inicialmente, foi formulada como uma espécie de rejeição ao modelo behaviorista, uma vez que este não conseguia explicar dois fatos sobre a linguagem humana: (i) a criatividade linguística e (ii) o fato de as crianças adquirirem tão rapidamente a língua materna com base em um *input* tão “precário”⁴.

Segundo Quadros (2008), Chomsky argumenta contra a teoria behaviorista, a qual prediz que a linguagem é interpretada como um condicionamento social, uma resposta que o organismo humano produz mediante os estímulos que recebe da interação social. Para essa perspectiva, a aquisição da linguagem se dá por um processo de estímulo e resposta obtendo-se como resultado reforço positivo ou negativo, sendo a linguagem considerada um

⁴ O *input* são os chamados “dados de entrada”, ou seja, são os dados da língua alvo (língua que está sendo adquirida) que os falantes dão às crianças e que auxiliam no processo de aquisição de uma língua materna. Ainda que algumas teorias relembram sobre o *input* a maior responsabilidade sobre o processo de aquisição, Grolla e Figueiredo Silva (2014), entre outros tantos autores que discutem a questão do *input*, em teoria gerativa, como Rosa (2010), Quadros (2008), vão mostrar que o *input* tem três peculiaridades que os impedem de sozinho, dar conta do processo de aquisição: ele é pobre (não dá às crianças todas as informações sobre a estrutura gramatical da língua), ele é degenerado (tem pausas, exitações, interrupções) e é desordenado (não organiza as informações a serem dadas à criança), de modo, por exemplo, a dar informações de estruturas mais simples primeiramente, para, depois, dar as informações mais complexas como, em geral, ocorre no ensino de uma língua adicional.

fator externo ao indivíduo. Esta concepção baseia-se na ideia de que a criança herda a capacidade de pronunciar e de repetir sons vocais a partir dos diferentes estímulos que recebe do seu meio linguístico.

Desta forma, a articulação torna-se um hábito e, assim, a criança adquire sua língua materna, e o adulto teria papel essencial no processo de aquisição como aquele que reforça positiva ou negativamente tudo o que a criança fala e, desta forma, a criança construiria hábitos sobre sua língua materna. No entanto, como podemos ver no exemplo abaixo, essa instrução do adulto não resulta em “correção” da fala da criança; ela sequer entende o teor da correção feita pelo adulto⁵:

(1) Criança: - Eu fazi o bolo.

Mamãe: - Você quer dizer “eu FIZ o bolo”.

Criança: - Não mãe, EU fazi o bolo e não você (QUADROS, 2008, p. 64).

Além de não conseguir dar conta de explicar a rapidez do processo de aquisição, segundo Grolla e Figueiredo Silva (2014) a abordagem behaviorista também não dá conta de explicar por que a aquisição se dá de forma universal (os estágios são os mesmos para a aquisição das diferentes línguas, no mundo) e uniforme (independentemente da diversidade linguística do input, todas as crianças adquirindo o Português Brasileiro, por exemplo, vão adquirir a mesma língua), além dos problemas relacionados aos dados do *input*, já apontados.

Para explicar tais aspectos, a perspectiva inatista chomskyana tem por hipótese que todos os falantes nascem com um componente na mente/cérebro responsável pela aquisição da linguagem, o qual é chamado pela teoria gerativa de Gramática Universal (GU). Estamos falando, portanto, de algo que faz parte da biologia do ser humano e que não depende de fatores externos. Este aparato biológico (GU) é composto por princípios – que são leis universais respeitadas por todas as línguas humanas – e parâmetros – que constituem o

⁵ Outro exemplo, encontramos em Rosa (2010, p. 100):

Mãe: – A Júlia já pegou sua canequinha

Criança: (mostrando a caneca) – Meu canequinha

Mãe: – Não, Júlia. Minha canequinha.

Criança: – É seu?

espaço para a variação, para as especificidades que encontramos entre as línguas, e que tem, por hipótese, constitui o estágio inicial do processo de aquisição da linguagem. Deste modo, todas as línguas teriam um conjunto de propriedades compartilhadas e a diferença entre elas se dá por conta dos parâmetros, marcados diferentemente de uma língua para a outra.

Por exemplo, universalmente, a interpretação de “ele” em (2a) é de que, pode-se estar referindo a “João” ou a qualquer outra pessoa, no contexto, mas em (2b) nunca poderá ser o João⁶:

- (2) a. O João disse que ele viajou no feriado
 b. Ele disse que o João viajou no feriado

Observando a posição de sujeito da sentença encaixada em (3), podemos ver que a esta posição está relacionada a um outro princípio, chamado de Princípio da Projeção Estendida, que afirma ter, todas as línguas do mundo, uma projeção para o sujeito da sentença. Apresentar, nesta projeção, o sujeito realizado ou nulo (vazio), vai depender de com que língua estamos lidando. Algumas línguas preenchem essa posição obrigatoriamente, como é o caso do inglês (conforme exemplo (3)), enquanto outras deixam esta posição vazia obrigatoriamente como é o caso do italiano (conforme exemplo (4)), que Grolla e Figueredo Silva (2014, p.83), apresentam:

(3) John said that he has travelled.

(John disse que ele viajou)

(4) Gianni ha detto che ec⁷ ha viaggiato.

(Gianni disse que ec viajou)

Para além do fator biológico, é necessário que a criança também seja exposta a uma língua, ou seja, que ela receba um *input* linguístico, para que os parâmetros da GU sejam marcados. Segundo Quadros (2008, p. 60), “a criança ouve ou vê a língua que está sendo usada no seu meio e, a partir dela, com base nos princípios e parâmetros da GU, forma sua gramática estável”. Desta forma, a interação entre os fatores biológicos e a situação do meio

⁶ Os dados em (2) e (3) são de Grolla e Figueiredo Silva (2014, p. 83).

⁷ Neste exemplo a categoria é vazia e o sujeito neste caso é classificado como nulo.

em que a criança está conseguem dar conta de explicar, nessa teoria, o processo de aquisição de uma língua materna.

Para uma abordagem como a gerativista, então, o que todos esses aspectos relativos ao conhecimento que a criança tem sobre a linguagem e os aspectos que envolvem o processo de aquisição (sua rapidez, sua uniformidade, sua universalidade) é o fato de que toda criança nasce com uma capacidade para adquirir uma língua (parte do conhecimento linguístico é geneticamente determinada).

No entanto, o desenvolvimento da língua materna, assim como no caso de outras capacidades biológicas, só se dá dentro do chamado de Período Crítico que, segundo Purves *et al.* (2005, p.521) *apud* Rosa (2010, p. 91), é definido como “o tempo durante o qual um dado comportamento é especialmente suscetível a influências ambientais específicas – e de fato as requer - para se desenvolver normalmente”. Este assunto será detalhado na próxima seção.

2.1 O PERÍODO CRÍTICO NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE L1

Muitos são os autores que discutem a ideia do Período Crítico para a aquisição da linguagem e praticamente todos partem do que Lenneberg (1967) desenvolveu, correlacionando o processo de aquisição da linguagem a outros processos biológicos para os quais há um período sensível ao desenvolvimento. Dentre os autores dos quais partiremos para esta discussão estão Rosa (2010), Grolla e Figueiredo Silva (2014), Quadros (2008), Santana (2004), Scarpa (2001) e outros que discutem a ideia de período crítico incluso no processo de aquisição da linguagem.

A base biológica para o argumento do período crítico foi estabelecida por Lenneberg (1967), segundo Grolla e Figueiredo Silva (2014), com base na questão da lateralização cerebral. O cérebro de uma criança, em seus primeiros meses de vida, passa por um processo chamado de lateralização cerebral, isto é, cada hemisfério do cérebro passa a se dedicar a um conjunto de funções e é apenas quando parte considerável desse processo já ocorreu ou está em processo que a linguagem pode começar a se desenvolver. Em específico na puberdade, apenas um hemisfério (o esquerdo) torna-se dominante no que se refere à linguagem, sendo este um fator que faz com que a criança atinja o ápice do processo de aquisição da

linguagem aproximadamente aos 12 anos, que é quando se concretiza esse processo de lateralização do cérebro.

Lenneberg (1967) *apud* Grolla e Figueiredo Silva (2014), em sua pesquisa dedicada aos casos de afasia traumática, isto é, casos que foram frutos de um traumatismo no cérebro, centrou-se nos padrões da recuperação da fala, o qual foi analisado pelo autor a partir de três categorias. A primeira observação é a de que se esta lesão cerebral ocorre em crianças em período inicial de aprendizagem (2 -3 anos), o que se percebe na recuperação é que a criança reinicia novamente o processo de aquisição, fazendo um caminho mais rápido e atingindo proficiência ótima em curto tempo.

Porém, se a lesão ocorrer em crianças com aproximadamente 4 anos de idade até o início da puberdade, nota-se que ocorre um processo de restauração e não mais um reinício de seu processo de aquisição onde a recuperação passa a ser mais lenta e por um longo tempo indeterminado. Contudo, se a afasia cerebral ocorrer ao final da puberdade ou já em fase adulta, a restauração do sistema passa a ser restrita, ocasionando “danos” irreversíveis. Neste sentido para Lenneberg, esses padrões observados em sua pesquisa voltados para os casos de afasia traumática, podem ser explicados pela HPC para a aquisição da linguagem que se inicia aos dois anos de idade e vai até a puberdade, período esse que a faculdade da linguagem é plenamente ativa.

Segundo Lenneberg (1967) *apud* Santana (2004, p. 346),

a linguagem não pode se desenvolver até um certo nível de maturação física, e isso ocorreria principalmente entre as idades de dois e três anos quando há uma interação entre a maturação e a aprendizagem autoprogramadas. Após esse período haveria uma diminuição progressiva dessa capacidade, que se extingiria na puberdade.

Logo, como se pode ver, na proposta de Lenneberg, o Período Crítico de aquisição da linguagem seria aquele que coincide com o processo de lateralização do cérebro. Sendo assim, a criança precisa, como já destacamos na seção anterior, para além da GU, da exposição a alguma língua, para que possa marcar seus parâmetros e, assim, adquirir uma língua materna.

A maior evidência para a hipótese do período crítico são os casos, por exemplo, de crianças isoladas sem qualquer contato social ou linguístico – as chamadas “crianças

selvagens”⁸ - e casos de crianças com exposição tardia à língua de sinais bem como, aquelas detectadas com o que relatou na literatura como “retardo mental” e com afasia.

Em patologias afásicas e mentais que ocorrem em uma criança até os dois anos de idade no hemisfério esquerdo e que são detectadas dentro deste mesmo período de idade, segundo Santana (2004), percebe-se que o processo de aquisição de linguagem acontece normalmente. No entanto, se estas lesões acontecerem após os dois anos de idade e antes de se completar o desenvolvimento da linguagem, nota-se uma maior dificuldade de adquirir a linguagem já que o cérebro haveria passado pelo processo de maturação cerebral.

Casos de crianças que desenvolveram algum tipo de síndrome ou que passaram por um processo cirúrgico cerebral dentro do período crítico dão boas evidências para a hipótese da maturação cerebral e, conseqüentemente, para a existência de um PC. Um destes casos, citado por Vargha - Khadem et. al. (1997) *apud* Santana (2004), é do menino Alex que sofria de uma síndrome chamada de Sturge-Weber, a qual acabou afetando seu hemisfério esquerdo com fortes convulsões. Alex ainda não havia adquirido sua língua materna, mas depois de passar por uma cirurgia que removeu seu hemisfério esquerdo, aos nove anos de idade, o menino obteve um ótimo desempenho em sua língua materna, ainda que tenha apresentado alguns problemas na sintaxe e na fonologia, algo que retomaremos na seção seguinte, que sinaliza evidências para a HPC.

Scarpa (2001) diz que a hipótese do PC pode também explicar o desenvolvimento linguístico em crianças com Síndrome de *Down* e de *Williams*. Essas crianças não desenvolvem a linguagem na mesma rapidez que as crianças típicas⁹, naquelas, o processo de aquisição é muito mais lento. O consenso para explicar esse processamento linguístico mais lento destas crianças atípicas seria o fato de que, as capacidades linguísticas dessas crianças portadoras de alguma síndrome não estarem finalizadas na puberdade. Logo, isto explica o porque de uma criança atípica não ter o mesmo desempenho linguístico que uma criança típica, já que seu processo de aquisição vai para além do PC.

Com relação às “crianças selvagens” um dos casos vastamente relatados na literatura consultada, é o da menina Genie que foi isolada em condições desumanas aos 14 meses de

⁸ O termo “Crianças selvagens” é vastamente utilizado na literatura desta área de conhecimento, para se referir a crianças que foram isoladas do convívio humano (GROLLA e FIGUEIREDO SILVA (2014); ROSA (2010).

⁹ O termo “normal” não é mais utilizado para falar do processo de aquisição de crianças que não passam por nenhuma interferência biológica ou social que poderia dificultar o processo de aquisição da língua materna, por isso o termo “típica” e não “normal”.

idade pelo pai, após este identificar um suposto problema de “retardo mental”. Genie foi encontrada aos 13 anos e, após ser acompanhada por um determinado tempo, por um grupo de cientistas, construiu um vocabulário considerado bom, no entanto, não conseguiu produzir sentenças encaixadas e ou formular perguntas gramaticais¹⁰, fazendo com que, suas produções vocais fossem de difícil compreensão. (BONA, 2013).

Outro caso de isolamento linguístico, relatado por Rosa (2010), é o da menina Isabelle, isolada com sua mãe surda desde seu nascimento e encontrada aos 6 anos de idade. Quando encontrada, a menina também não falava, apenas emitia alguns sons. Após uma semana do resgate, Isabelle começou a vocalizar; aos 7 anos, a menina já falava como uma criança de 7 anos de idade. O que se pode notar, no caso de Isabelle, é que, diferentemente de Genie, ela conseguiu sucesso na aquisição de sua língua materna, o que pode ser explicado pelo fato de que ela foi exposta a uma língua ainda dentro do período crítico.

Ao contrário destes casos, que envolvem isolamento tanto linguístico quanto social, os casos das crianças surdas, com aquisição tardia de língua de sinais, são de isolamento apenas linguístico. Os relatos da literatura mostram diferenças na fluência em línguas de sinais, a depender de quando se iniciou a exposição à língua. Segundo Rosa (2010), isso ocorre com aproximadamente 96% dos casos em crianças com surdez pré-linguística - que nascem surdas ou ficam surdas até os 3 anos de idade - e que são filhas de pais ouvintes, que, em geral, não são falantes nativos de uma língua de sinais e não fazem uso de uma.

Rosa (2010) e Bona (2013)¹¹ relatam o caso da garota americana Chelsea que era surda desde bebê, porém nenhum médico percebeu sua surdez. Em sua infância, a menina foi diagnosticada erroneamente como emocionalmente perturbada e nunca foi exposta a língua de sinais. Somente aos 31 anos seu problema foi percebido e, então, a garota passou a

¹⁰ Alguns exemplos de déficits na sintaxe produzidos por Genie são apresentados por Rosa (2010, p. 81):

- a. Genie have mama have baby grow up
(Genie ter mãe ter neném crescer)
- b. Genie bad cold live father house
(Genie forte gripe viver pai casa)

¹¹ Gleitman e Newport (1995) *apud* Bona (2013, p. 239) fazem algumas observações e notam algumas diferenças nos processos de desenvolvimento linguístico de Genie e Chelsea, sustentando a hipótese de que o período crítico “pode ter uma fase ‘marginal’ em que parte do desenvolvimento é possível”. Enquanto o processo de aquisição de Genie ocorreu em um período marginal, o de Chelsea ocorreu após o período crítico, obtendo resultados distintos.

usar aparelho auditivo e iniciou seu contato tardio com a língua de sinais, porém, no que se refere à língua, os resultados de Chelsea não foram satisfatórios, a garota não conseguiu alcançar o mínimo de estruturas gramaticas e seus enunciados pareciam não ter estrutura alguma.

Ainda, sobre os casos de aquisição tardia de língua de sinais¹², Quadros, Cruz e Pizzio (2007) *apud* Pizzio e Quadros (2011) realizaram um estudo experimental para analisar o desenvolvimento de crianças e de adolescentes surdos em diferentes idades de acesso à língua de sinais. Os sujeitos desta pesquisa foram divididos em dois grupos, aqueles que adquiriram a língua de sinais antes dos 4;6 de idade e os que adquiriram a língua de sinais depois dos 4;7 anos de idade, com o objetivo de avaliar o desenvolvimento de crianças/adolescentes surdos diante de diferentes idades de acesso à língua de sinais. Um terceiro grupo foi desconsiderado pela pesquisa, devido ao número restrito de sujeitos. O estudo tinha como objetivo analisar o desenvolvimento da linguagem nessas crianças surdas, levando em consideração os contextos de aquisição da língua de sinais, com o intuito de verificar se os resultados obtidos nesta pesquisa sustentavam a hipóteses tanto do “*input* empobrecido” além da hipótese do PC. Os resultados obtidos nessa pesquisa mostram que os sujeitos de aquisição precoce desenvolveram melhor e com mais sucesso a língua de sinais do que os sujeitos expostos a uma aquisição tardia, especialmente no que se refere ao uso de classificadores, a linguagem expressiva e a linguagem compreensiva.

2.2 O PERÍODO CRÍTICO NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE L2

A HPC para além de explicar o insucesso na aquisição de uma língua materna, como relatado na seção anterior, também é elemento chave, para muitos, para explicar a falta de sucesso na aquisição de uma segunda língua. Sendo assim, partindo desta hipótese foi o que

¹² Segundo Grolla e Figueredo e Silva (2014, p 33), Gleitman e Newport (1995) reportam, também, estudos sobre aquisição da língua de sinais americana, como língua materna por surdos de três grupos. O primeiro grupo estava composto por sujeitos que foram expostos à aquisição de língua de sinais americana (doravante ASL) desde a tenra idade; o segundo grupo era composto por sujeitos surdos que tiveram contato com a ASL entre quatro e seis anos de idade; e o último grupo composto por sujeitos surdos expostos à ASL após seus 12 anos de idade. Os testes mostraram que tantos os sujeitos do primeiro grupo quanto do segundo possuíam níveis nativos de competência linguística em ASL. Porém, os dados obtidos do terceiro grupo apresentaram resultados “dramáticos”, os indivíduos desse grupo apresentaram omissão de morfemas gramaticais, além de produzirem sentenças complexas de maneira inconsistente. Este estudo, reportado por Gleitman e Newport, traz mais evidências contundentes para a HPC.

nos levou a investigar através de relatos na literatura a diferença existente no processo de aquisição de uma L2 entre crianças e adultos. Segundo Flynn e Manuel (1991, p. 120) *apud* Rosa (2010), quando um adulto é exposto a uma segunda língua, geralmente ele já passou do ápice de processo aquisição da linguagem, mas isso não significa que ele não aprenderá esta língua, porém terá maior dificuldade de apreendê-la, pelo fato de ocorrer uma perda gradual de plasticidade no cérebro, comentado anteriormente.

Desta forma, podemos encontrar evidências que estão interligadas de maneira direta entre o período crítico e o processo de aquisição de uma segunda língua. Santana (2004) traz Newport e Johnson (1999), que justificam a hipótese da diferença de aquisição de L2 entre adultos e crianças devido à maturação cerebral. Eles destacam que crianças têm uma vantagem maior com relação aos adultos em adquirir uma segunda língua, pois a habilidade de aprender uma língua diminui juntamente com a maturação cerebral humana, o que também é argumentado por Segundo Flynn e Manuel (1991, p. 120) *apud* Rosa (2010).

Em resumo, segundo Lenneberg (1967) *apud* Grolla e Figueiredo Silva (2014, p. 32), “se há de fato um órgão mental específico para a (aquisição da) linguagem então devemos ver nesse órgão os mesmos tipos de processos biológicos (como maturação, a recuperação em casos de acidentes etc) que vemos em outros órgãos do corpo”. Neste sentido parece ser plausível atribuir à existência de um período crítico no processo de aquisição de linguagem.

2.3 O PERÍODO CRÍTICO E SUAS INFLUÊNCIAS NAS DIFERENTES ÁREAS DA GRAMÁTICA

No processo de aquisição de uma L2, Bona (2013) afirma que uma das razões pelas quais este processo é intrigante diz respeito ao fato de que os resultados dessa aquisição podem ser diferentes entre os adultos (mas não parece que sejam tão diferentes entre as crianças). Isso parece apontar uma evidência para a HPC na aquisição de L2.

Sendo assim, apesar de não haver um consenso sobre a efetiva influência do HPC no processo de aquisição de L2, os pesquisadores tentam entender, então, qual é o efeito que a idade exerce no processo de aquisição de uma segunda língua, quais os principais argumentos favoráveis e não favoráveis à existência de um (PC), além de questionarem-se sobre quais subáreas da gramática (léxico, sintaxe, semântica, fonologia) parecem ser mais atingidas em uma aprendizagem tardia.

Para a nossa discussão, apresentaremos, em especial, os argumentos de Bona (2013), Mattos (2000) e Santana (2004), que discutem especificamente esta questão da idade de exposição à segunda língua e que tentam esclarecer alguns fatores relevantes no que concerne ao processo de aquisição de L2.

No que se refere à questão das áreas que seriam afetadas por uma aquisição tardia, primeiramente apontaremos esses efeitos em casos de aquisição de língua materna para, depois, apresentar as evidências disponíveis para aquisição de L2. Bona (2013) traz os casos de Genie e Chelsea, já citados anteriormente. Genie, por exemplo, conseguiu desenvolver um vocabulário significativo, no entanto, ela nunca conseguiu produzir sentenças encaixadas ou formular uma pergunta gramaticalmente adequada e sua entonação permaneceu “um tanto excêntrica”. Como podemos ver abaixo, a sintaxe de Genie tinha vários problemas especialmente no que se refere ao encaixamento de sentenças, como mostra Rosa (2010, p. 81):

(5) Genie have mama have baby grow up

(Genie ter mãe ter neném crescer)

(6) Genie bad cold live father house

(Genie forte gripe viver pai casa)

Santana (2004) também comenta o caso de Genie dizendo que esta aprendeu a falar, no entanto, possuía dificuldade na sintaxe e na fonologia, como já mencionado. A autora cita Mayberry e Eichen (1991) que dizem que o caso Genie comprova o fato de que a ausência de *input* linguístico pode interferir no sucesso de aquisição; no caso de Genie, parece que a sintaxe foi um dos aspectos gramaticais mais fortemente afetados. No entanto, esses autores ressaltam que o caso de Genie não pode ser o melhor para falar sobre privação linguística, pois as dificuldades com a linguagem poderiam, segundo os autores, ser resultado da privação cognitiva e social sofrida por Genie.

Sendo assim, Santana cita o caso de Alex, conforme já discutido anteriormente na seção 2.1, que sofreu uma cirurgia no cérebro, atingindo seu hemisfério esquerdo. A cirurgia de Alex foi realizada dentro do período crítico e, neste caso, diferentemente de Genie, o hemisfério direito de Alex tomou as funções do hemisfério esquerdo, incluindo a aquisição da linguagem. No entanto, apesar de ter desenvolvido a linguagem de forma

relativamente bem sucedida, Alex apresentou dificuldade tanto na fonologia quanto na sintaxe, assim como Genie. Segundo Vargha-Khadem *et. al.* (1997) *apud* Santana (2004, p. 346), os problemas de Alex eram: “na linguagem receptiva, a compreensão é mais difícil em enunciados que são complexos e, na expressiva, as dificuldades se encontram em manipular fonemas e sílabas na segmentação das palavras e na repetição de não palavras.

Bona (2013, p. 239), além de citar o caso de Genie para explicar a influência que a idade de exposição a uma língua exerce no processo de aquisição, também traz o caso da garota Chelsea. A autora destaca que “diferentemente das sentenças de Genie, que aparentavam ter uma mínima complexidade estrutural, os enunciados de Chelsea pareciam não ter estrutura alguma”. Como se pode ver, Chelsea foi exposta a uma língua de sinais muito depois do “fechamento” do período crítico, o que inviabilizou sua aquisição.

A partir dos dados apresentados pelas autoras acima, é notável o fato de que algumas áreas da gramática¹³, e em especial a sintaxe e a fonologia, parecem estar mais a mercê de um período crítico para se desenvolverem, no que se refere à aquisição de uma língua materna. No entanto, a fonologia e a sintaxe não parecem sofrer influência do período crítico somente no processo de aquisição de L1, como vimos acima, mas também no processo de aquisição de L2.

Ainda, os autores destacam haver influências na morfossintaxe dos aprendizes tardios de segunda língua. Mattos (2000) destaca que, mesmo os mais competentes aprendizes de L2 não conseguem fazer julgamentos de gramaticalidade com clareza. Segundo Bona (2013, p.237), “tipicamente erros de morfossintaxe em produção e ou erros de julgamento gramatical aumentam com o avanço da idade de aquisição, assim como a falta de acurácia e o grau de percepção de um sotaque não nativo”.

Alguns autores como Patkowski (1980) *apud* Pecegon (2005); Flege (1987) *apud* Bona (2013); Kim *et. al.* (1997) *apud* Santana (2004), Mattos (2000) mostram que a aprendizagem tardia de uma L2 acarreta influências no sotaque/pronúncia (fonologia) de maneira expressiva.

Pecegon (2005, p. 24), falando sobre a questão da fossilização na aquisição de L2, vai dizer que,

aprendizes mais velhos quase inevitavelmente têm um notável sotaque estrangeiro. Brown (1980), por exemplo, ao definir fossilização, afirma

¹³ Meier (2002) *apud* Pizzio e Quadros (2011, p. 46) menciona também que “a aquisição da concordância verbal, bem como, a de outros aspectos da morfologia também estão sujeitos ao período crítico”.

que ‘este fenômeno é normalmente manifestado fonologicamente em ‘sotaques estrangeiros’ no discurso de muitos daqueles que aprenderam uma segunda língua após a adolescência.

Patkowski (1980) *apud* Percegon (2005), buscando entender quais os efeitos que a idade de aquisição de uma L2 estava relacionada a questões além do sotaque, realizou uma pesquisa que tinha como principal objetivo observar se existiriam diferenças entre aqueles que iniciaram a aprender inglês antes da puberdade e aqueles que começaram a aprender a língua após a puberdade. Este estudo foi produzido com aproximadamente 67 imigrantes que viveram nos Estados Unidos por aproximadamente cinco anos e que iniciaram a aprender a língua inglesa, em diferentes idades.

Os resultados da pesquisa mostraram que 32 dos 33 sujeitos que começaram a aprender inglês antes da puberdade tiveram um índice de desempenho ótimo, enquanto que o restante dos sujeitos, que começaram a aprender uma L2 pós-puberdade, atingiram níveis mais baixos de desenvolvimento da língua.

Logo, Patkowski procurou mostrar que a idade de exposição a uma língua pode ser considerada um fator relevante quando estabelecidos limites no desenvolvimento do domínio de uma L2. Os resultados obtidos nessa pesquisa e comentados pelo autor deram grande suporte para à HPC no que se refere à aquisição de L2.

Santana (2004), analisando dados de aquisição de língua de sinais em crianças que aprenderam essa língua na infância - nomeados de falantes nativos e que são filhos ouvintes ou surdos de pais surdos, e com crianças surdas que aprenderam uma língua de sinais após os 7 anos de idade – chamados de falantes tardios, obteve alguns resultados consideráveis que explicam também a hipótese do PC. Os dados de Santana mostram que os falantes tardios cometem “erros fonológicos”, apresentam maior dificuldade com a compreensão de mensagens, especialmente na velocidade de reconhecimento lexical, comparados aos falantes nativos.

Segundo Kim *et. al.* (1997) *apud* Santana (2004, p. 348), as diferenças de pronúncia entre falantes nativos e aprendizes tardios estão condicionadas ao período crítico, eles afirmam que “a idade de aquisição pode ser um fator significativo para a organização funcional do cérebro humano na discriminação de diferenças fonéticas relevantes de uma língua”. Para os autores, o cérebro, dentro do período crítico, seria hábil em enviar para os órgãos de articulação diferentes instruções para a realização/articulação das diferenças entre as línguas, o que já não seria o caso fora do PC.

Ainda sobre esta questão, Flege (1987) *apud* Bona (2013, p.241) diz que uma criança tem uma melhor pronúncia em L2 porque “suas representações centrais para as categorias sonoras ainda estão em desenvolvimento, enquanto que nos adultos o processamento padrão de *input* sonoro já foi modelado por uma experiência linguística prévia em L1”. Flege diz isso, para mostrar que não é um período crítico que influencia na fluência de uma L2, mas o fato de já ter havido uma aquisição de L1 e esta influenciaria a L2.

Isso seria, a nosso ver, não um argumento contra o período crítico, mas sim favorável, uma vez que, enquanto para as crianças o processo de plasticidade cerebral ainda está em curso, para os adultos isso já ocorreu. Ainda, os autores argumentam que a pronúncia em L2 de crianças é muito mais próxima à pronúncia nativa que as pronúncias de adultos, o que mostraria que, se iniciada a aquisição de L2 dentro do PC, as diferenças de pronúncias diminuem.

Um último aspecto, destacado pelos autores como parecendo ser influenciado pelo período crítico, ainda que de forma mais branda, está relacionado a questões do léxico. Bona (*op.cit.*, p. 242) diz que alguns pesquisadores demonstram que esse acesso também pode sofrer interferência, a depender da idade de exposição à L2. Segundo ela, “a idade de aquisição de determinada palavra afeta significativamente a velocidade e a acurácia com as quais a palavra é acessada e processada”.

No entanto, na sequência do texto, a autora cita outras pesquisas que vão mostrar que é a proficiência e não a idade de aquisição que determina “as latências de nomeação em tarefas lexicais quando a aquisição de L2 ocorre em um estágio precoce de vida” (Bona *op.cit.*, p.243). Segundo a autora, então, isso mostra que a idade de aquisição de L2 afeta o processamento sintático, morfológico e fonológico mais que o processamento lexical e semântico.

Mas, percebam que, conforme destacamos na citação da autora, ela está falando que a proficiência, mais que a idade de aquisição, determina uma maior habilidade com questões lexicais, quando “a L2 ocorre em um estágio precoce de vida”, o que deixa claro que a idade de aquisição tem sim influência sobre o acesso lexical, de alguma forma.

Como podemos ver, o PC parece sim mostrar influência sobre a aquisição de L2, ainda que não em sua totalidade, mas especialmente nas áreas de fonologia e sintaxe.

Antes de fecharmos esta discussão, gostaríamos de pontuar alguns argumentos de Mattos (2000, p. 66) que, em tese, demonstrariam a inviabilidade de explicação do processo

de aquisição de L2 por uma teoria como a gerativa. Faremos isso para mostrar que as evidências contrárias ao que mostra Mattos nos levam a argumentos que reforçam, de algum modo, a HPC para a aquisição de L2.

Mattos traz as ideias de Beaugrande (1997, p. 302). Segundo este autor ““modelos que, como [a gramática gerativa], deixam de lado fatores como limitações de memória, distrações e mudanças de foco de atenção, são irrealistas e improdutivos””. No entanto, se o processo de aquisição de L2 equivale ao que Kato (1999) chamou de aprendizagem para a qual há instrução formal por parte do adulto/professor e, na aprendizagem, diferentemente da aquisição¹⁴, estamos falando de um processo consciente, logo, como todo processo de aprendizagem, questões de memória, de distração e mudança de foco são sim de alguma forma levados em consideração.

Ainda segundo Mattos, autores como Beaugrande já disseram que o processo de aquisição de L2 é tão complexo que seria impossível de ser explicado por uma teoria única. Assim, já se propôs alguns pontos que precisariam ser tratados por uma teoria abrangente para este processo. No entanto, Mattos destaca que as teorias atualmente disponíveis não dariam conta de satisfazer esses aspectos totalmente. Ora, se é assim, então, consideramos importante avaliar como a Teoria Gerativa (com a HPC e GU) consegue, a seu modo, dar conta da aquisição de L2.

Mattos (2000, p. 67) sinaliza que, dentre as questões que ainda não foram levantadas para discutir o insucesso do aprendiz de uma L2 é o fato de que “por mais que ele se exponha (ou esteja exposto) à língua alvo, esta será sempre a sua *segunda língua*” (grifo da autora). Consideramos, dentro da teoria que estamos avaliando, que uma possível explicação para o fato de que a L2 sempre será a segunda língua, somente usada quando a

¹⁴ Kato (1999) explica que adquirir uma língua é diferente de aprendê-la. Ela usa o termo “aquisição” para o processo de aquisição de uma língua materna e o termo “aprendizagem” para caracterizar o momento em que a criança vai para a escola estudar a sua língua materna. Até o momento da chegada ao ensino formal, a criança adquiriu a sua língua, sem instrução, apenas na interação da GU com os dados do *input*. A partir do momento em que ela é inserida no ensino formal, ela passa a aprender a sua língua com base nas instruções do professor que, inclusive, lhe diz o que é possível e o que não é possível na língua (ou pelo menos na norma culta, que é ainda o foco do ensino de língua na escola). Se formos fazer uma comparação disso com uma L2, o processo de aquisição de uma L2 nada mais é que um processo de aprendizagem, assim como aquele com o qual a criança tem contato quando chega ao ensino formal. Diante das orientações do professor, aprender a língua se torna algo consciente, porque começa-se a basear nas instruções, nas evidências negativas (“isso pode” e “isso não pode”). Já o processo de aquisição, segundo Kato, se dá de forma inconsciente, ou seja, ele ocorre sem que a criança perceba ou se esforce para tal, assim como ocorre com o andar: isso simplesmente acontece.

situação impuser seu uso, é o fato de que a marcação primeira dos parâmetros da GU se dá na primeira língua, na língua materna. Em termos cognitivos, como já vimos acima, a lateralização cerebral parece estar finalizada ao final da puberdade. Se os parâmetros forem primeiramente marcados para a língua A (como língua materna) e, ainda, dentro do Período Crítico, não há dúvidas de que a língua A “ganharia” a batalha, mesmo se a aquisição da L2 fosse realizada dentro do Período Crítico.

Mattos (2000, p. 68) segue a discussão dizendo:

o que se está querendo dizer é que o ser humano estará usando a sua língua materna automaticamente_ - ou seja, involuntariamente - em qualquer situação em que se encontre, mesmo que não seja uma situação ligada à realização de uma tarefa que exija um processamento lingüístico, e somente usará a L2 quando a situação se lhe impuser [...] Isso pode ser completamente inevitável, do ponto de vista da cognição humana, e pode talvez explicar por que mesmo os falantes mais proficientes de uma L2, em situações de extrema emoção ou pressão psicológica, acabam tendo um baixo desempenho na L2, ou pelo menos um desempenho inferior ao que teriam em situações de pouco estresse.

Sobre essa questão de que o ser humano usa a língua materna automaticamente/involuntariamente, já pontuamos acima que, conforme Kato, diferentemente da L2, que é aprendida conscientemente, uma língua materna é sempre adquirida inconscientemente/involuntariamente, logo, é consequência que seu uso seja mais natural que o uso de uma L2, para a qual há necessidade de um monitoramento, de uma atenção maior; é como se comparássemos o uso da língua vernacular, aquela que faz parte da nossa gramática internalizada como falante (nativo) de uma língua, com o uso da norma padrão desta mesma língua.

Várias pesquisas sociolinguísticas já mostraram que, quando o falante se envolve (afetivamente, de modo positivo ou negativo) com a história contada, por exemplo, ele não se preocupa com o “como” dizer, ou seja, não há monitoramento de sua fala e ali se mostra como é sua gramática internalizada. Agora, quando em situações formais, os falantes estão em um contexto cujo grau de monitoramento é grande e, conseqüentemente, o emprego da norma padrão é maior. Logo, o que pode explicar que falantes proficientes tenham baixo desempenho em L2, em contextos de estresse, é o fato de, nestes momentos, eles não estarem se monitorando, assim como ocorre com o uso da norma padrão da sua língua materna.

Essas discussões de alguns pontos da argumentação de Mattos serviram para mostrar que, por mais que a HPC não seja ainda reconhecida por muitos como um dos fatores centrais na aquisição de uma L2, ela pode, de certa maneira, explicar sim elementos importantes que envolvem a aquisição de uma L2, conforme pontuamos acima.

2.4 O ACESSO À GRAMÁTICA UNIVERSAL NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE L2.

Quando se discute a aquisição de uma segunda língua na perspectiva da teoria gerativa, sempre se levanta a questão sobre o acesso que os aprendizes de L2 têm à Gramática Universal (GU). A pergunta da qual se parte é até que ponto estes aprendizes continuam tendo acesso à GU. A resposta a esta questão não é consensual, dado que há divergências sobre um acesso total ou até nenhum acesso.

Sobre isso Mattos (2000) destaca que é necessário ainda um olhar mais apurado para se chegar a uma conclusão mais precisa. Ellis (1997, p. 69) *apud* Mattos (2000, p. 58) e Mitchell e Myles (1998, p. 61-62) *apud* Bezerra (2003, p. 33-34) listam algumas posições teóricas sobre o acesso à GU na aquisição de L2: acesso total, nenhum acesso, acesso parcial e acesso dual.

A primeira argumenta que o aprendiz de L2 teria acesso total à GU. Sendo assim, o processo de aquisição L2 é similar ao processo de aquisição de L1 e, portanto, os aprendizes têm acesso total à GU: a aquisição de L2 seria puramente resultado de interação entre GU e os dados da L2 sem nenhum efeito para o processo de aquisição. Neste caso, seria possível para um aprendiz de L2 atingir um grau de “semelhança” na língua alvo.

Uma segunda posição teórica sobre esse aspecto seria o fato de não haver nenhum acesso à GU. Desta forma, à GU não estaria mais disponível para os aprendizes de L2, pelo menos para os adultos. Logo, estes se utilizariam de estratégias gerais de aprendizagem não específicas para a aquisição da linguagem, tendo como resultado graus diferentes de sucesso obtidos no processo de aquisição de L2. Desta forma, aprendizes adultos normalmente não conseguiriam atingir um grau avançado da língua alvo.

Assim, o que se pode perceber desta posição é que ela depende, de certa maneira, de se assumir que exista um período crítico para a aquisição de L2, uma vez que à GU não estaria disponível, segundo essa perspectiva, para os adultos e, então, o que explicaria as diferenças na aquisição de L2 seria as diferenças de estratégias gerais de aprendizagem.

Além disso, essa perspectiva assume que as interlínguas dos aprendizes “poderiam conter regras que seriam proibidas pela GU”, posição para a qual ainda não há consenso.

Outra posição teórica seria a do acesso parcial, na qual os aprendizes somente têm acesso aos parâmetros da GU que estão em operação na sua língua materna, sendo possível reativar os parâmetros relevantes para a L2 - que não estão presentes na L1, através da instrução formal e da correção de erros. Desta forma a aquisição de L2 seria parcialmente regulada pela GU e parcialmente pelas estratégias gerais de aprendizagem.

Ellis (1994, p.458) *apud* Mattos (2000, p. 62) mostra que, os estudos sobre o acesso à GU no processo de aquisição de L2 por adultos parecem demonstrar que os aprendizes têm pelo menos acesso parcial à GU. Da mesma forma, Schachter (1989) *apud* Mattos (2000, p 62) afirma que, na idade adulta, o aprendiz demonstra ter acesso apenas aos parâmetros da GU que estão presentes na sua língua materna, e Flynn (1989b) *apud* Mattos (2000, p.63) conclui que nas estruturas sintáticas onde os parâmetros da L1 e da L2 são os mesmos, a aquisição é facilitada, mas, nas estruturas em que estes parâmetros se diferenciam, a aquisição parece ser mais intrincada.

Por fim, a última posição teórica sobre o acesso à GU na aquisição de L2, comentada por Ellis, seria a questão do acesso dual em que os aprendizes adultos fazem tanto uso da GU quanto das estratégias gerais de aprendizagem para adquirir L2. Porém, se o aprendiz apenas fizer uso das estratégias gerais de aprendizagem, o mesmo pode bloquear sem intencionalidade o acesso à sua GU. Logo, o sujeito não alcançará um comando nativo da língua alvo podendo assim, produzir erros inaceitáveis pela GU, pelo fato de, utilizar em sua maior parte das estratégias gerais de aprendizagem.

Após apresentar as quatro posições teóricas sobre o acesso à GU, Mattos (2000, p. 62-63) irá apresentar uma série de estudos que destacam que o acesso parcial à GU reúne mais evidências, como as mencionadas acima, para confirmar que um aprendiz de L2 tem acesso aos dados de sua GU.

Sobre a hipótese do acesso parcial, Xavier (2007) apresenta resultados que comprovam que o processo de aquisição de L2 sofre influências da GU através dos princípios de uma L1. O estudo foi produzido a partir dos dados de um falante de inglês e de um falante italiano em processo de aquisição do Português Brasileiro (PB) como segunda língua. Os resultados obtidos nesta pesquisa mostram que os estágios de aquisição do PB como segunda língua sinalizam determinados fatores, como a utilização do sujeito

nulo em estruturas como forma verbal - não marcada de terceira pessoa, com falantes em processo de aprendizagem de uma L2.

Esta análise, segundo Xavier (2007, p. 16), nos mostra que tanto o falante de inglês quanto o falante de italiano têm acesso à sua GU para adquirir a L2, já que começam a adquirir a gramática do PB de maneira deflagrada com apenas a marcação da terceira pessoa, semelhantemente a uma criança quando está em processo de aquisição de sua língua materna, como apresentam os exemplos abaixo:

(7) P: E você aprendeu francês lá na Suíça.

I: A Suisse e a escola quando eu mora a Tenessi. A escola eu aprende francês para continue. Mas para dois anos cv não aprende francês. (FIn.s1)

(8) I: Ah... eu foi a fest, eh... cv dança e cv escuta de música. (FIn.s2)

Endossando a posição do acesso parcial à GU, Birdsong (2006) *apud* Bona (2013) aponta que os aprendizes têm acesso a representações linguísticas amplamente desenvolvidas em sua língua materna. O acesso à GU é inferido de evidências de que o conhecimento dos aprendizes de L2 não poderia ser atingido apenas pelo *input* de L2 e pela cognição de domínio geral, como também relata Flynn (1989, p. 92) *apud* Percegon (2005).

Neste sentido, considerando as evidências supracitadas ao longo desta subseção, ressaltamos que há inúmeras discussões sobre o processo de aquisição de segunda língua, e a hipótese do acesso a GU é apenas uma delas. Também é válido atentar que ainda encontramos várias divergências no que se refere a este fenômeno em específico, o acesso a Gramática Universal, dentre elas, até que ponto um aprendiz de segunda língua continua tendo acesso aos princípios e aos parâmetros da GU no processo de aquisição de sua L2.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo tentamos de maneira breve discutir algumas questões que podem esclarecer algumas diferenças que aparecem no sucesso da aquisição de uma L2, entre um adultos e uma crianças. Para isso, procuramos mostrar que o Período Crítico de aquisição

da linguagem pode ser usado não apenas para explicar aspectos sobre a aquisição de uma língua materna, mas também sobre a aquisição de uma segunda língua.

Inicialmente, apresentamos os argumentos que levaram Chomsky a se contrapor à abordagem behaviorista e aqueles que levam à existência da Gramática Universal. Sequencialmente, abordamos a questão do Período Crítico, mostrando que tanto na aquisição de uma L1 quanto na aquisição de uma L2 parecem haver evidências contundentes que mostram a interferência do Período Crítico em algumas áreas da gramática durante o processo.

No que se refere à aquisição de uma L2, os relatos mostram que algumas áreas da gramática sofrem interferência do PC, especialmente fonologia e sintaxe. Para além da questão do PC, também discutimos o acesso que os aprendizes de L2 têm à GU. Há diversas posições teóricas sobre isso, mas, pelo que se verificou na literatura consultada, a hipótese do acesso parcial à GU é a que mais apresenta força, diante das demais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, I. C. R. M. **Aquisição de Segunda Língua de uma perspectiva linguística a uma perspectiva social.** SOLETRAS, Ano III, Nos. 05 e 06. São Gonçalo: UERJ, 2003. p. 31 - 52.

BONA, C. **A Aquisição de uma língua e os argumentos acerca da existência de um período crítico.** Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, p. 233-246, jul. dez. 2013.

GROLLA, E; FIGUEIREDO SILVA, M.C.. **Para Conhecer Aquisição da Linguagem.** São Paulo: Contexto, 2014.

KATO, M. A. **Aquisição e Aprendizagem da Língua Materna: de um saber inconsciente para um saber metalinguístico.** Florianópolis: Mulher, 1999.

LENNEBERG, E. H. **Biological foundations of language.** New York: Wiley. 1967.

MATTOS, A. M. A. A hipótese da gramática universal e a aquisição de segunda língua. **Revista dos Estudos da Linguagem.** Belo Horizonte, 2000. p. 51 - 71.

PERCEGONA, M. S. **A fossilização no processo de aquisição de segunda língua.** Dissertação apresentada para obtenção de título de mestre em Estudos Linguísticos. Curitiba: UFPR, 2005.

PIZZIO, A. L; QUADROS, R. M. **Aquisição da Língua de Sinais**. Centro de comunicação e expressão. UFSC, Florianópolis, 2011.

QUADROS, R. M. O Paradigma gerativista e a aquisição da linguagem. In.: _____; FINGER, I. **Teorias de aquisição da linguagem**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. p. 45 – 82.

ROSA, M.C. **Introdução a (bio)linguística**: Linguagem e mente. São Paulo: Contexto, 2010.

SANTANA, A. P. Idade Crítica para aquisição da linguagem. São Paulo: **Distúrbios da Comunicação**, 2004. p. 343- 354.

SCARPA. E. M. Aquisição da linguagem. In: Bentes AC, Mussalim F, organizadores. **Introdução à lingüística 2**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 203-232.

XAVIER. R. G. Acesso à Gramática Universal (GU) por aprendizes de segunda língua (L2). Estudos da Língua(gem). **Vitória da Conquista** v. 5, n. 2 p. 7-20 dezembro de 2007